

Kafka

Um livro sempre aberto

TERESA MARTINS DE OLIVEIRA E GONÇALO VILAS-BOAS Organizadores



CASSIOPEIA

DERIVA





KAFKA

UM LIVRO SEMPRE ABERTO

COORDENAÇÃO
TERESA MARTINS DE OLIVEIRA
GONÇALO VILAS-BOAS

DERIVA

COLECÇÃO CASSIOPEIA

Através desta colecção, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa pretende divulgar o pensamento dos seus investigadores e também dar a conhecer trabalhos que, dialogando com as linhas de pesquisa em curso, se inscrevem numa mesma constelação. Desenhando entre si nexos, relações, os livros publicados nesta colecção integram-se no campo de reflexão dos Estudos Comparatistas.

TÍTULO KAFKA – UM LIVRO SEMPRE ABERTO

ORGANIZADORES TERESA MARTINS DE OLIVEIRA E
GONÇALO VILAS-BOAS

REVISÃO LURDES GONÇALVES

PINTURAS MANUELA BACELAR

FOTOGRAFIA SOFIA SOARES

ISBN 978-972-9250-72-9

REFERÊNCIA 1507002

FORMATO 21X14,5CM

1ª EDIÇÃO FEVEREIRO 2011

DEPÓSITO LEGAL

IMPRESSÃO PUBLIDISA

DERIVA EDITORES

Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2

4000-468 PORTO

TELEFONE E FAX 351 225 365 145

E-MAIL

deriva@derivaeditores.pt

www.derivaeditores.pt

www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

© Deriva Editores, 2011





Introdução

O Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e o Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto levaram a cabo, em 5/12/2008, uma jornada dedicada a Franz Kafka, com a qual se pretendeu assinalar o 125.º aniversário do nascimento do escritor.

Nascido no último quartel do século XIX em Praga, que então integrava o Império Austro-Húngaro, e oriundo de uma família burguesa de judeus relativamente abastados, assimilados à minoria de origem e língua alemãs, Kafka, que parece congregar em si as contradições próprias da sua época e condição, vem a tornar-se num dos autores mais importantes não só da literatura de expressão alemã como da literatura mundial do século XX. Os poucos textos que publica em vida e, principalmente, a sua obra póstuma, desencadeiam uma recepção extraordinária e dão origem a uma reacção exponencial por parte dos estudos literários. Ao longo de todo o século XX e até aos nossos dias, a obra de Kafka irá fascinar investigadores, filósofos e escritores (p. ex. Walter Benjamin, Theodor Adorno, Deleuze/Guattari, Jacques Derrida, Albert Camus, Elias Cannetti, Gabriel García Marquez, Stig Dagerman, Jorge Luis Borges, Virgílio Ferreira) bem como o leitor comum. Para todos eles os textos de Kafka, narrados numa linguagem simples e clara, mas de sentido obscuro e fugidio, fechado a uma

interpretação global e/ou definitiva, não deixam de constituir um desafio a que é difícil ficar indiferente.

Quanto à crítica literária das mais diferentes orientações, com especial destaque para as de pendor biografista, psicanalítico, filosófico, religioso, histórico-cultural e recepcional e, mais modernamente as de orientação cultural, pós-estruturalista ou de estudos de género, o fascínio pelo enigma Kafka traduz-se em tantos estudos, que se tornou praticamente impossível abarcá-los. A obra de Kafka parece abrir-se a todas as abordagens, que exploram as múltiplas questões que os textos vão levantando, mas só uma leitura aprioristicamente condicionada e disposta a aceitar reduções e desatenções aos paradoxos em presença poderá pretender alcançar respostas cabais e um sentido último para os textos. De facto, o leitor de Kafka não deve esperar uma estrutura textual que se desenvolva de acordo com um nexos causal, muito menos pode esperar a resolução final de um conflito ou de uma situação inicial de carência, como é próprio das narrativas tradicionais. Na construção dos textos de Kafka são privilegiados o fragmentário e as interrupções impeditivas de uma solução final. Mesmo nos casos em que esta é simulada, ela é também repetidamente quebrada e/ou relativizada pela afirmação do seu contrário, com recurso frequente a adversativas – a crítica fala a este propósito na “estrutura em mas”, própria da escrita de Kafka, na qual o acaso e o indefinível são forças estruturantes. Também o narrador, mesmo que usando de um tom naïf de alguém que domina o narrado e o expõe de forma clara, se vai revelando pouco fiável, com a sua flutuação perspectívica e a sua ausência de comprometimento. As figuras mostram-se ausentes de qualquer densidade psicológica e até mesmo de identidade – são frequentemente seres anónimos, despersonalizados e desindividualizados, à mercê de uma multiplicidade de forças antagónicas e obscuras.

Poder-se-á talvez – é este o advérbio mais próprio para falar de Kafka – afirmar, como muitos críticos contemporâneos, que a

falta de sentido é o verdadeiro sentido do texto kafkiano. Talvez a incapacidade de encontrar um sentido no texto corresponda à experiência do leitor num mundo privado de sentido, ou em que este só é perceptível para pequenos segmentos na nossa existência – nunca para uma vivência global. Talvez que os textos pretendam ser metáfora dessa realidade, ou que pretendam induzir no leitor o mesmo desconcerto que o deve acometer (ou acomete já) ao olhar o mundo. Talvez, ainda, Kafka pretenda mostrar com os seus textos – é sempre este gesto de mostrar e nunca a tentativa de explicar que caracteriza as obras – que eles não são o meio próprio para encontrar respostas, porque a linguagem o não será também.

Os seis estudos que se publicam neste volume constituem as respostas de outros tantos autores, atentos ao desafio que representa a obra de Kafka, livro sempre aberto a um novo “virar de página”.

A abrir o volume, Teresa Seruya parte das recentes traduções de Kafka em Portugal e comenta a história da edição dos textos do escritor austro-checo entre nós. Depois de assinalar a evolução nas edições que representaram as traduções feitas a partir do alemão, concentra-se nas edições de traduções levadas a cabo depois da publicação da edição crítica dos textos de Kafka, nomeadamente as edições bilingues, com um inerente acréscimo de responsabilidade para os tradutores e para o trabalho de selecção dos originais a traduzir. Nuno Amado debruça-se sobre o papel que a escrita desempenhava na vida de Kafka e sustenta que ela seria uma necessidade interior, uma habilidade que lhe era necessária, e que o autor procurou justificar com a sua obra.

Os dois textos que se seguem são exemplos de interpretações da prosa curta do autor. No primeiro, Teresa Martins de Oliveira analisa, a partir de sugestões dos Estudos de Masculinidade, a forma como em três contos da primeira fase de produção do autor se (des)constroem modelos de masculinidades e se desestabilizam oposições binárias como pai/filho, forte/fraco, desestabilização

essa acompanhada por uma série de opções formais tendentes por seu turno a abalar o tradicional horizonte de expectativa dos leitores. Neste universo em desestabilização, a escrita pode gerar/sugerir/encenar uma nova forma de estabilidade e de poder. No segundo, Gonçalo Vilas-Boas analisa “O Novo Advogado” enquanto apresentação de diferentes paradoxos que o autor inscreve nos seus textos, de forma a que o leitor se aperceba do erro das figuras, sem que encontre, todavia, respostas ou soluções satisfatórias.

Gerald Bär, num estudo de orientação comparatista, analisa a partir da obra de Conrad, Kafka e Pessoa a forma como identidades múltiplas se manifestam em fantasias de fragmentação. Defende que a tendência comum que detecta nos três autores para desenvolver novos conceitos de identidade, explorando as fronteiras da alteridade, depende de factores próprios de zonas linguística e culturalmente híbridas.

Completa-se este grupo de abordagens, tão heterogéneas como tendem a ser as análises que Kafka e a sua obra propiciam, com uma entrevista que Lurdes Gonçalves fez à pintora e ilustradora Manuela Bacelar, cujo encontro com a obra de Kafka se tornou produtivo na forma singular de que a artista dá testemunho na primeira pessoa.

O Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa agradece a Manuela Bacelar a amável cedência dos direitos de reprodução de um dos quadros da sua exposição sobre Kafka e da série de desenhos sobre passagens do *Diário* que se reproduzem em anexo. Agradece, igualmente, ao Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo apoio dado à realização da jornada dedicada a este autor.

E, em último lugar, agradece a todos os leitores destes estudos, pois são eles a razão de ser de todos estes diálogos.

As páginas 11 a 111 não estão disponíveis para pré-visualização neste pdf.

À Conversa com Manuela Bacelar

Manuela Bacelar nasceu no Porto e, desde criança, gosta de criar histórias e personagens. Ilustradora de muitos livros infantis, tanto de sua autoria como em parceria com outros escritores, encontra aqui um espaço de libertação e de expressão da Arte. O aperfeiçoamento do estilo figurativo, que é característica da sua pintura, teve grande desenvolvimento quando Manuela Bacelar decidiu, aos 20 anos, ir para Praga, onde foi bolsista, de 1964 a 1970, na Escola Superior de Artes Aplicadas. A República Checa, país que reconhece como sendo também seu, foi, sem dúvida, decisiva no seu percurso artístico, contribuindo igualmente para o amadurecimento do seu imaginário artístico.

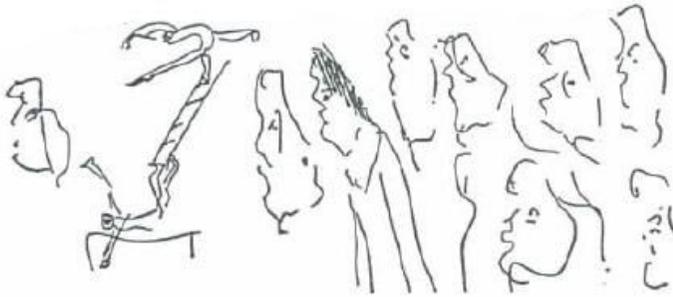
A obra literária de Kafka acompanha-a desde que leu um livro sobre Milena Jecenská, escritora alemã e companheira de Kafka. Desde então, também os *Diários* de Kafka têm feito parte de sua vida, como se fossem os seus próprios diários. Pintar Kafka foi, segundo Manuela Bacelar, um pretexto para pintar Praga, o que deu lugar, posteriormente, à exposição “Kafkas para que vos quero”.

Lurdes Gonçalves – Como teve contacto com a obra de Franz Kafka?

Manuela Bacelar – O primeiro contacto que tive com a obra de Franz Kafka foi aos 14 anos. Estava em casa com gripe, e a minha mãe trouxe-me o livro *Metamorfose* para eu ler. Uns anos mais tarde, fui estudar para Praga, como bolseira, e a minha professora de checo, que ensinava também literatura, falou de todos os escritores checos menos de Kafka. E, em resposta à minha pergunta sobre o Kafka, respondeu-me que este era alemão e não checo.

Posteriormente, já eu tinha regressado de Praga há muito tempo, na casa de uns amigos, descobri na sua biblioteca um livro sobre Milena Jesenská, que li e fiquei fascinada. E foi a partir da personagem de Milena Jesenská que eu me interessei pela obra do Kafka. Eu estava muito ligada à República Checa. Sentia, e sinto ainda, uma certa comunhão com aquela gente, na maneira de estar, na maneira de ser. Tenho mesmo a impressão de que apreendi o Kafka de uma maneira diferente do que se nunca tivesse ido a Praga, e vivido lá e feito lá amigos, e se nunca me tivesse dado com o grupo de amigos que era contra o regime vigente e nunca tivesse lido literatura checa.

Uma das coisas que me atraíram muito na literatura do Kafka é que ele é muito depurado. É quase um escritor minimalista, embora eu não seja especialista na definição de minimalismo na literatura, pois sou mais ligada às artes plásticas, mas as artes estão sempre ligadas. O que admiro em Kafka é que ele escreve sem descrever a essência do indivíduo, e isso é o que me atrai no Kafka.



Diários, 1910.

Por exemplo, no *Processo*, aquele homem que acorda de manhã e que tem a polícia à porta. Perante cenários como este, as pessoas dizem muitas vezes que é um cenário kafkiano, mas conhecem a causa. Quando se sabe a causa, não é kafkiano. Kafkiano é quando as coisas acontecem e não existe causa, só existe efeito. Isso para mim é que é a essência do Kafka, nomeadamente no *Processo*. Actualmente, os ilustradores ilustram a obra de Kafka colocando a cara de Kafka. As ilustrações da contemporaneidade do Kafka omitem o Kafka, pois ainda não era aquela imagem emblemática que depois passou a ser – passou a ser “kitsch”, o “santo” Kafka, que aparece em “t-shirts”, porta-chaves, isqueiros, etc.

L. G. – O que a levou a pintar sobre Kafka?

M. B. – Eu antes disso tinha feito muita pintura a óleo. O Kafka foi, digamos, um pretexto para pintar Praga, para pôr as ideias no sítio. Eu estava a viver em Portugal por variadas razões, e pintar sobre este tema foi uma maneira de arrumar a minha cabeça. E como eu também tenho uma necessidade de abordar a figura humana e de a explorar sob o ponto de vista psicológico, Praga e Kafka ajudaram-me a traduzir uma maneira de ser – a checa.

A primeira pintura que fiz sobre Kafka foi a óleo, nos anos 80. Depois nos anos 90, estava com um pouco de preguiça de pintar a óleo, porque dá muito trabalho, e resolvi fazer uns desenhos pequenos. Entretanto reli os *Diários* de Kafka que estão sempre a dizer-me muito. Então fiz uma série de desenhos que não têm nada a ver com Kafka, outros têm, que são os que têm a data escrita e que se referem mesmo a uma página específica, com aquela data e com aquela hora. Outros ainda serviram-me de pretexto para desenhar a minha passagem por Praga, lembrando o meu amigo Petra, a minha amiga Věra, os amigos da escola, as nossas idas ao jardim zoológico. Um apontamento interessante, com o qual eu me identifico, é que o Kafka até fez uma formação em jardinagem e no fim da vida, quando não podia falar, e ele tinha uma flor na janela, a coisa que ele mais queria era que regassem a flor (e eu também tenho essa paixão). Para além disso, o Kafka – e isto está muito bem traduzido na parábola *Um artista da fome* – o Kafka é uma pessoa muito sensível, mas ao mesmo tempo uma pessoa com muito sentido de humor, como aliás os checos têm todos um sentido de humor muito *sui generis*.

L.G. – Fale-nos um pouco sobre a pintura-retrato de Kafka.

M.B. – Isso tem a ver com a minha fixação em fazer retratos. A minha próxima exposição será eventualmente só sobre retratos imaginados. Aquele quadro não é um retrato imaginado, mas um retrato em que eu dou muita importância ao olhar. O olhar é um lugar comum, é o espelho da alma. Mas o olhar também é psicológico, e é isso precisamente o que eu estou a fazer. Fiz aquele retrato e gostei muito de o fazer. Foi também um pretexto para colocar Praga ao fundo, para colocar as letras PRAH, que querem dizer limiar, contextualizando a história da fundação de Praga. No retrato do Kafka acho que ele ficou parecido, mas foi

por puro acaso, porque eu não estava minimamente preocupada com a aparência. Eu criei uma atmosfera. Foi um quadro que fiz porque me apeteceu, e isso tem muito mais a ver com a criação. Depois da série de desenhos e do retrato não pintei mais Kafkas, porque nesse entretanto fui a Praga e encontrei o Kafka vulgarizado nas “t-shirts” e fiquei muito zangada e tive medo de ser mal interpretada, e por isso não pintei mais.

L.G. – E o contacto com a obra de Kafka é uma presença constante, ainda que interiormente, ou tem necessidade de voltar a ler os seus livros?

M.B. - Nos *Diários*, sim. Quando me acontece uma coisa surpreendente, vou sempre ler os *Diários* de Kafka. Por exemplo, quando o meu estado de espírito não está tão positivo, normalmente vou ver o que é que o meu amigo Kafka escreveu neste dia. Espantosamente, o Kafka tinha escrito nesse dia mais ou menos assim: “Estive a escrever toda a noite, e num gesto de solidariedade a minha mão direita agarrou a minha mão esquerda”. Eu leio o Kafka um pouco como quem vai ler os signos. Existe uma coisa nos *Diários* que me faz um pouco de impressão, porque não rima comigo. Mas eu não tenho que ser igual a Kafka, nem tenho pretensões a isso. É que naqueles *Diários*, que eu já li, reli várias vezes, ele fala de idas ao teatro, muitas idas a conferências, tem na pessoa de Max Brod um dos seus grandes amigos. Max Brod não nos esqueçamos que é um teórico de música e um crítico musical, e o Kafka nunca fala de música. E como eu não consigo viver sem música, faz-me impressão esta ausência na obra de Kafka. Ele fala de tudo menos de música, o que não quer dizer que não gostasse de música, mas nunca fala dela. E eu tenho muita curiosidade em saber qual o estilo de música de que Kafka gostava. Penso na música judaica que é lindíssima e naqueles desejos que ele teve no fim da vida de ir para Israel. Mas não sei se ele ouvia Mozart ou Beethoven ou

Bach, Dvořák e/ou Jianaček, por exemplo. Mas mesmo ao nível dos cabarés judaicos, que tem música muito bonita, ele não fala disso. Ele fala do conjunto, das actrizes, até mais do que dos actores, do ambiente, de tudo, menos da música.

Outra coisa que o Kafka tem é que ele é um esteta. É um esteta em tudo – na maneira como come, na maneira como veste, como convive. É muito sensível ao sentimento, ele tinha uma sensibilidade acima da média. Ele é incapaz de ser cínico, vai sempre em ajuda de alguém. Por exemplo, conto uma história que se passou num jantar formal, em que há uma criança que ao levantar-se cai. E a única pessoa que vai em seu auxílio é Kafka que lhe diz: “Caíste com muita elegância”. Ele tem uma descrição no diário que pressupõe a sua maneira de comer e a repulsa que sente quando vê uma pessoa que não corresponde à sua maneira de ser. Ele escrevia de forma concisa, o que, para alguns, se devia ao facto de ter trabalhado numa companhia de seguros e de ter que fazer relatórios, daí a sua escrita ser concisa. Mas depois eu leio o Karel Čapek, que também não trabalhava numa companhia de seguros, e também não tem os devaneios à Eça de Queirós, na descrição do pormenor, que é um estilo muito latino talvez. Tem a ver com uma maneira de ser e de estar, pois os checos são muito práticos nas pequenas coisas, e isso está reflectido na sua literatura.

Agora estou a reler as obras que li na adolescência, está a dar-me gozo, pois estou a saborear a palavra, como o pintor saboreia a pincelada.

Índice

- 7 Introdução
- 11 Tradução e Edição: A Propósito de Recentes Traduções de Kafka – Teresa Seruya
- 27 Kafka: Uma Habilidade Necessária – Nuno Amado
- 43 “Os Filhos” de Kafka: Construções de Masculinidades em *A Sentença*, *A Metamorfose* e *O Fogueiro* – Teresa Martins de Oliveira
- 61 Kafka: Os Paradoxos de “O Novo Advogado” – Gonçalo Vilas-Boas
- 74 Fantasias de Fragmentação em Conrad, Kafka e Pessoa: Estratégias Literárias para Expressar a Estranheza – Gerald Bär
- 111 À Conversa com Manuela Bacelar
- 119 Anexo





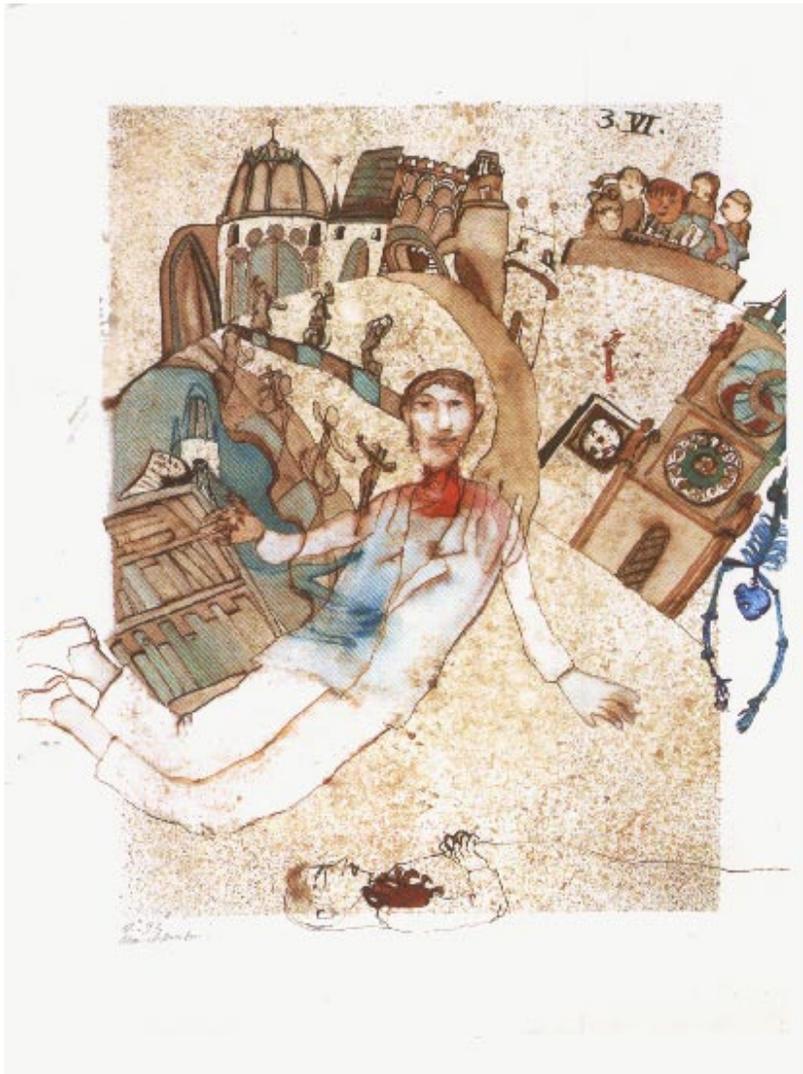
MANUELA BACELAR

"KATRAS PARA QUE VOS QUERO"

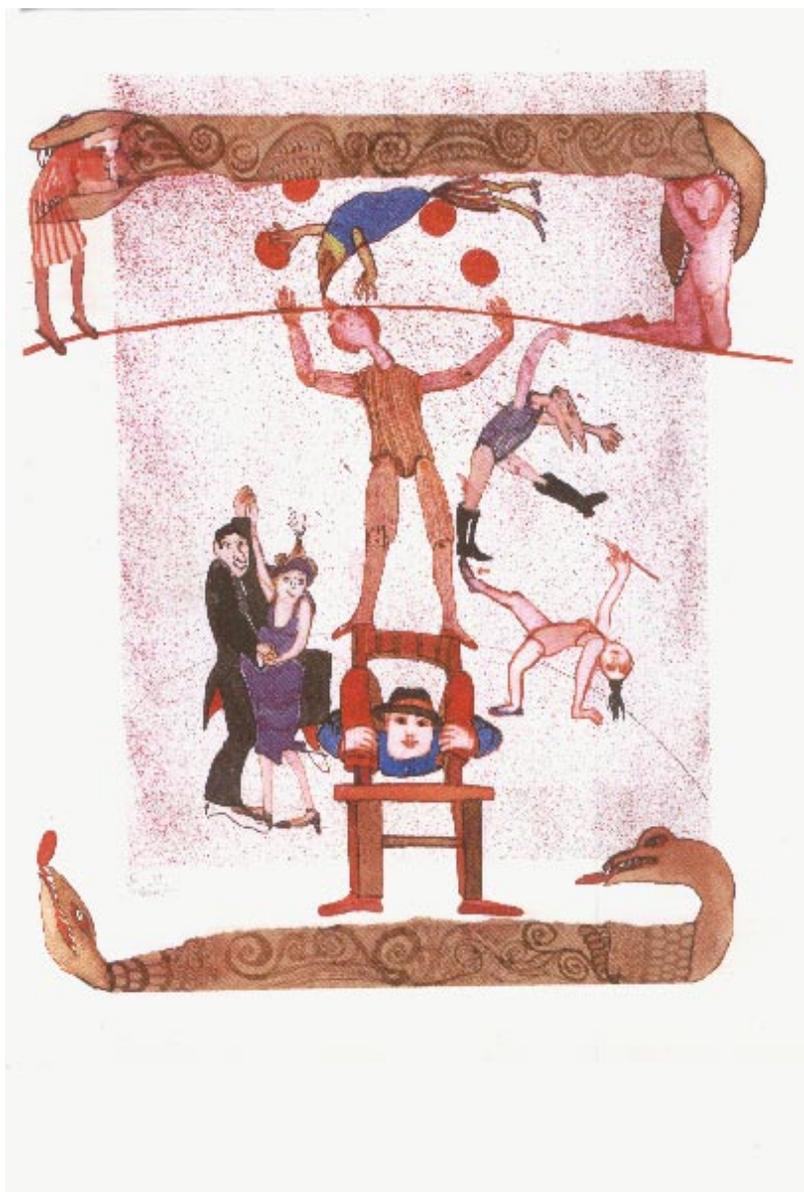
Excertos de *Diários* de Franz Kafka
Editora Difel
Tradução de Maria Adélia Silva Melo

Ilustração
"KAFKAS PARA QUE VOS QUERO"

Manuela Bacelar
Edição Civilização



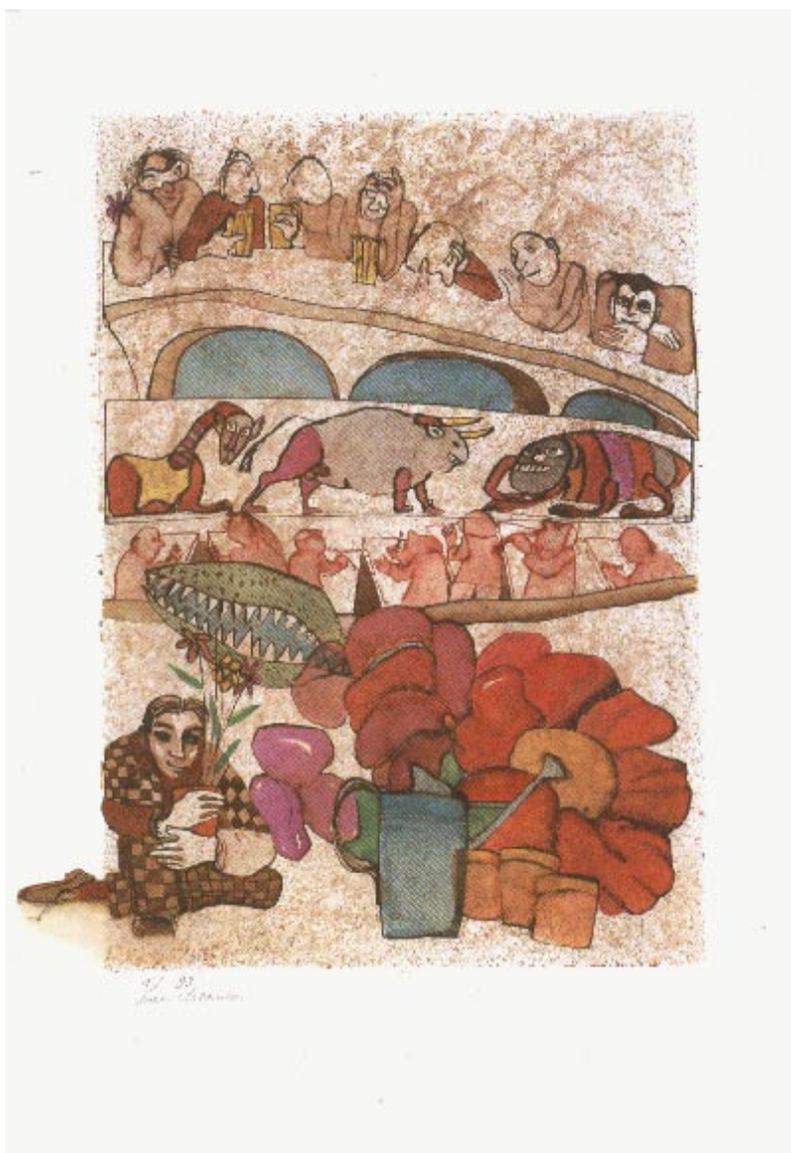
“... andar, vestir-me, lavar-me, ler, acima de tudo fechar-me em casa de modo a exigir de mim o menor esforço possível e a menor coragem.”
– 1912, 2 de Janeiro



Stauffer-Bern “A doçura da produção cria ilusões sobre o seu valor real”.

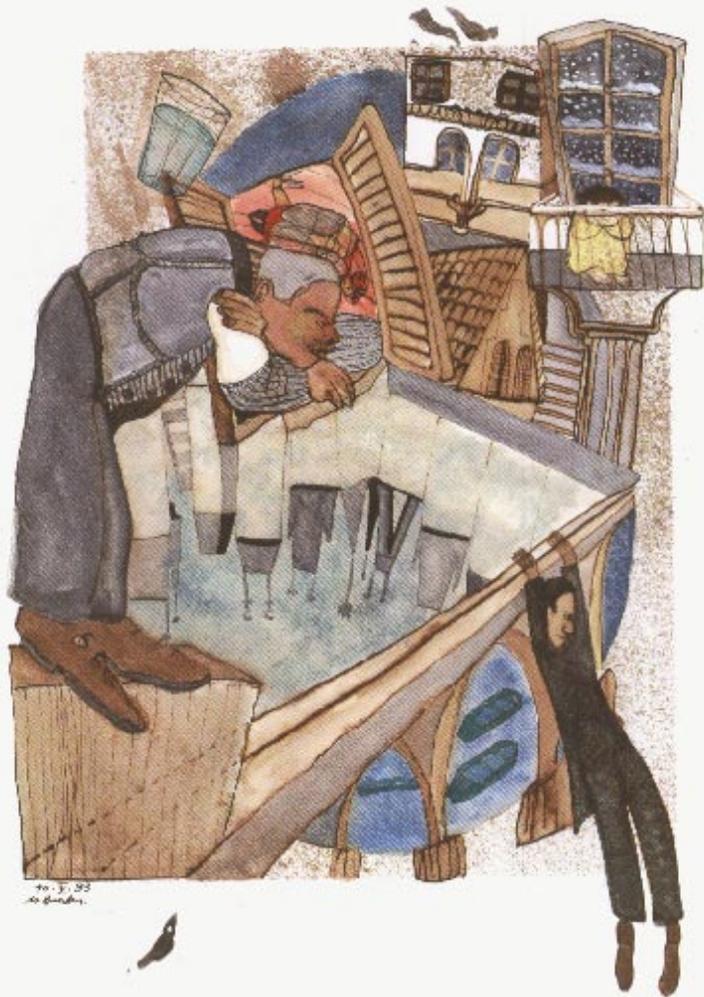


“Eu, frágil como outrora e como sempre. Ter o sentimento de estar preso e, ao mesmo tempo, o outro, o de que, se uma pessoa estiver solta, seria pior.”



4/ 93
Jan Chermak

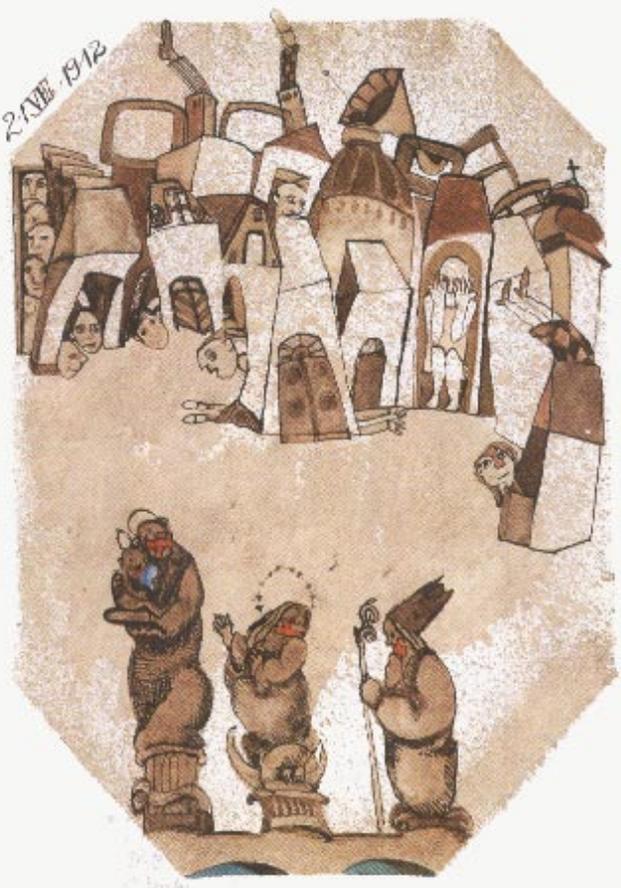
“Estamos, do lado de fora da lei, ninguém sabe disso, mas todos nos tratam de acordo com isso.”



15 de Novembro/Doze horas.

“Não me vou deixar cansar. Vou saltar para dentro da minha novela nem que parta a cara.”

2-18-1912



“Quero ir-me embora, quero subir as escadas, se necessário às cambalhotas.”



© 2000
E. W. Koster

“A concha do meu ouvido sente-se fresca, áspera, fria, sumarenta como uma folha.”





Os seis estudos que se publicam neste volume constituem as respostas de outros tantos autores, atentos ao desafio que representa a obra de Kafka, livro sempre aberto a novos “virar de página”.

